

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CURSO DE PEDAGOGIA

JACQUELINE ELLEN PIMENTEL DA MOTA

REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS NA IMPRENSA PARAIBANA (1921-1925):
um olhar sobre as fotografias da Revista *Era Nova*

JOÃO PESSOA - PB
2025

JACQUELINE ELLEN PIMENTEL DA MOTA

REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS NA IMPRENSA PARAIBANA (1921-1925):
um olhar sobre as fotografias da Revista *Era Nova*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, do Centro de Educação, da
Universidade Federal da Paraíba como requisito
para a obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola.

JOÃO PESSOA – PB

2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

M918r Mota, Jacqueline Ellen Pimentel da.

Representações das infâncias na imprensa paraibana (1921-1925): um olhar sobre as fotografias da Revista Era Nova / Jacqueline Ellen Pimentel da Mota. - João Pessoa, 2025.

47 f. : il.

Orientação: Maíra Lewtchuk Espíndola.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Infâncias. 2. Fotografias. 3. Imprensa. 4. História da educação. I. Espíndola, Maíra Lewtchuk. II. Título.

UFPB/CE

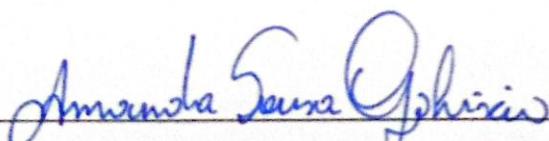
CDU 373.2:77(043.2)

JACQUELINE ELLEN PIMENTEL DA MOTA

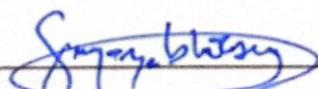
REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS NA IMPRENSA PARAIBANA (1921-1925):
um olhar sobre as fotografias da Revista *Era Nova*

Aprovado em: 22 de Setembro de 2025

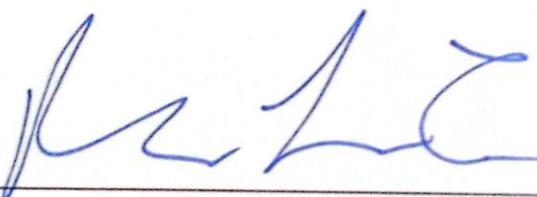
Banca examinadora



Dra. Amanda Sousa Galvínio (Membro Interno - DFE/UFPB)



Msa. Simone de Fátima Alves Mendes (Membro externo - PMJP)



Dra. Maíra Lewtchuk Espindola (Orientadora - DHP/UFPB)

RESUMO

As representações das infâncias na imprensa paraibana do início do século XX constituem o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, que analisa fotografias publicadas na revista *Era Nova* entre 1921 e 1925. Parte-se da concepção de que as infâncias são construções sociais, históricas, culturais e políticas, e que as imagens fotográficas funcionam como dispositivos de memória e poder, produtores de sentidos pedagógicos. A pesquisa utilizou como fontes 71 fotografias localizadas no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), catalogadas a partir de critérios temáticos, identitários e contextuais. A análise foi organizada em quatro categorias: (1) crianças negras e pobres; (2) crianças da elite paraibana; (3) educação das crianças pobres; e (4) as crianças campesinas e o trabalho infantil. Os resultados apontam que a revista privilegiou os retratos de crianças brancas e de elite, difundindo um ideal de infância dito moderno, higienista e burguês, em consonância com os projetos republicanos da época. Em contrapartida, as crianças pobres, negras e trabalhadoras foram marginalizadas ou invisibilizadas, aparecendo em registros de forma marginal ou invisibilizadas, revelando tensões sociais e raciais. Conclui-se que as fotografias não eram neutras, mas funcionaram como instrumentos pedagógicos e políticos, legitimando determinados modelos de infância e silenciando outros. A pesquisa contribui para a história da educação e para a reflexão crítica sobre o papel das imagens na formação docente, destacando sua relevância para compreender disputas sociais, raciais e culturais no contexto paraibano.

Palavras-chave: Infâncias; fotografias; imprensa; história da educação.

Abstract

The representations of childhoods in the Paraiban press at the beginning of the twentieth century constitute the theme of this Undergraduate Thesis, which analyzes photographs published in the *Era Nova* magazine between 1921 and 1925. The study is based on the conception that childhoods are social, historical, cultural, and political constructions, and that photographic images function as devices of memory and power, producing pedagogical meanings. The research used as sources 71 photographs located at the Historical and Geographical Institute of Paraíba (IHGP), cataloged according to thematic, identity-based, and contextual criteria. The analysis was organized into four categories: (1) Black and poor children; (2) elite children of Paraíba; (3) education of poor children; and (4) peasant children and child labor. The results indicate that the magazine privileged portraits of white, elite children, disseminating an ideal of childhood described as modern, hygienist, and bourgeois, aligned with the Republican projects of the time. In contrast, poor, Black, and working children were marginalized or made invisible, appearing in records only peripherally or silenced, thus revealing social and racial tensions. It is concluded that the photographs were not neutral but functioned as pedagogical and political instruments, legitimizing certain models of childhood while silencing others. This research contributes to the history of education and to critical reflection on the role of images in teacher education, highlighting their relevance for understanding social, racial, and cultural disputes in the Paraiban context.

Keywords: Childhoods; photographs; press; history of education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Narilia, filha do Drº. Mário de Oliveira.....	28
Figura 2 – Narilia, filha do Drº. Mário de Oliveira.....	28
Figura 3 – Avenida General Osório.....	35
Figura 4 – O pequeno Antonio, filho do Srº. Fernando Pessoa.....	37
Figura 5 – Orfanato D. Ulrico.....	39
Figura 6 – Orfanato D. Ulrico.....	41
Figura 67 – Lavrando a terra.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. AS INFÂNCIAS E A IMPRENSA NA PARAÍBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A REVISTA ERA NOVA	15
2.1 As infâncias na perspectiva histórica.....	15
2.2 A imprensa paraibana e a ideia de infâncias	20
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	24
4. INFÂNCIAS NA REVISTA ERA NOVA	32
4.1 Intrusos no enquadramento: as crianças negras e as infâncias+ pobres.....	33
4.2 “Petizes Parahybanos” ou “Notas Infantis”: as crianças da elite paraibana.....	35
4.3 A educação das crianças pobres: o Orfanato D. Ulrico.....	37
4.4 As crianças campesinas e o trabalho infantil	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
Fontes.....	48

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a investigar como as infâncias foram representadas nas fotografias publicadas na imprensa paraibana entre os anos de 1921 e 1925, analisadas sob um olhar pedagógico por meio das imagens publicadas na revista *Era Nova*. Tal recorte parte do entendimento de que a imprensa no início do século XX desempenhou um papel central na produção e difusão de discursos sobre a infância, configurando-se como um espaço privilegiado de circulação de ideias, valores e projetos educativos. Dessa forma, compreender como a criança foi representada em impressos paraibanos nas primeiras décadas do século XX permite não apenas analisar os modos de ver as infâncias representadas naquele contexto, mas também refletir sobre os sentidos pedagógicos dessas representações.

A infância, enquanto categoria social, histórica, política e cultural, constitui um campo de estudos relevante nas ciências humanas e sociais. Não se trata apenas de uma etapa natural e universal do desenvolvimento humano, mas de uma construção situada, atravessada por relações de poder, discursos, práticas sociais e valores simbólicos. Diversas sociedades, em diferentes tempos e espaços, produziram múltiplas formas de compreender, representar e tratar as crianças. Por esse motivo, adota-se neste trabalho o uso do termo infâncias, no plural, a fim de reconhecer as diferentes experiências infantis condicionadas por fatores como classe social, raça, gênero, território e contexto histórico.

Como observa Schwarcz (2016, p. 21), “infância é sempre um conceito plural, uma vez que são tantas as experiências regionais, de classe, de cor ou de gênero.” Ao analisar as imagens publicadas na revista *Era Nova*, é possível identificar disputas simbólicas em torno do que se entendia por infância e quais modelos infantis eram legitimados ou invisibilizados no debate público. Dessa forma, a imprensa tem desempenhado, ao longo da história, um papel fundamental na construção de imaginários sociais. O autor considera que, por meio de imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade, elabora certa representação de si, estabelece a distribuição de papéis e posições sociais, constrói uma espécie de código do “bom comportamento” e instala modelos formadores e na difusão de valores culturais (Veloso, 2009, p. 494). No século XX, o jornal e as revistas exercearam um papel central na formação da opinião pública e na disseminação de valores morais, sociais

e educacionais. No caso da Paraíba, os jornais e revistas atuaram como importantes mediadores culturais, refletindo e, ao mesmo tempo, moldando discursos sobre temas como progresso, cidadania, higiene, família e infância. Em um momento marcado por reformas educacionais inspiradas pelos ideais da Escola Nova e por um projeto nacional de modernização, as crianças passaram a ocupar um lugar de destaque nos debates públicos, não apenas nos textos escritos, mas também nas imagens fotográficas veiculadas em periódicos como figuras simbólicas importantes, frequentemente mobilizadas em discursos sobre progresso, nação e modernidade. Se parte da seguinte questão: De que maneira as fotografias publicadas na revista *Era Nova*, entre 1921 e 1925, representaram as infâncias e quais sentidos pedagógicos e políticos essas representações produziram na Paraíba do início do século XX? A partir dessa questão foram estabelecidos o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearam o desenvolvimento desta investigação.

O objetivo geral desta pesquisa é: Analisar as representações das infâncias na revista *Era Nova* (1921–1925), compreendendo de que maneira as fotografias publicadas funcionaram como instrumentos pedagógicos e políticos na construção de modelos de infância na Paraíba do início do século XX. Além de ter como objetivos específicos:

- Catalogar e classificar as fotografias de crianças publicadas na *Era Nova* entre 1921 e 1925;
- Identificando quais infâncias foram representadas na revista;
- Interpretar os sentidos simbólicos atribuídos às representações infantis, relacionando-os ao contexto histórico e às implicações para a história da educação.

Para realizar tal pesquisa, utilizou-se como fonte a revista *Era Nova*, especificamente as edições publicadas entre 1921 e 1925. Este trabalho está composto por fotografias selecionadas a partir dos recortes das edições originais da revista, que foram catalogadas segundo categorias previamente definidas: (1) crianças negras e pobres; (2) crianças da elite paraibana; (3) educação das crianças pobres; e (4) as crianças campesinas e o trabalho infantil. Essas categorias foram escolhidas por evidenciarem diferentes formas de representação das infâncias na imprensa paraibana, revelando tanto as experiências privilegiadas quanto aquelas invisibilizadas ou marginalizadas.

Esse procedimento sistemático permitiu a elaboração de um conjunto de imagens diversificado e representativo, subsidiando uma análise aprofundada das

narrativas visuais veiculadas. Por meio dessa organização, foi possível investigar como as representações da infância foram produzidas com sentidos pedagógicos específicos, revelando a atuação editorial na construção de determinados valores e modelos educacionais.

A revista se apresentava como um espaço de sociabilidade intelectual, reunindo literatos, juristas, engenheiros, professores e até religiosos em torno de um projeto cultural moderno (Abrantes; Burity, 2024). Apesar de não assumir um tom de ruptura vanguardista, como o modernismo paulista, a *Era Nova* construiu uma identidade própria, voltada para a circulação de ideias consideradas “novas e aceitáveis”, em consonância com os valores republicanos, os ideais de progresso e a modernização da sociedade paraibana. Segundo Abrantes e Burity (2024), trata-se de um exemplo do que chamam de modernismo de Estado, ou seja, uma forma de modernização cultural articulada ao poder político vigente.

No plano gráfico e editorial, a revista articulava seções literárias, crônicas sociais, colunas femininas e textos de opinião com imagens de personalidades locais, incluindo crianças de famílias de prestígio. Essas imagens, frequentemente produzidas em estúdio e publicadas em páginas inteiras, funcionavam como extensão dos álbuns familiares, reforçando os marcadores de distinção social. (Abrantes; Burity, 2024, p. 154). Com isso, a *Era Nova* contribuiu para a construção simbólica de um ideal de modernidade e de infância alinhado às elites urbanas da época.

A escolha do tema está diretamente vinculada à participação da autora no Programa de Licenciaturas (Prolicen): “Fotografias de Mulheres e Criança na imprensa da Paraíba (1921-1925): interpretações históricas e educacionais”, coordenado pela professora Prof.^a Dr.^a Amanda Sousa Galvíncio e Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola e ao pertencimento ao Grupo de História das Infâncias e Estudo de Gênero (Ghieg), que possibilitou contato com debates teóricos e metodológicos que orientam esta investigação, contribuindo para a delimitação do objeto de estudo. Assim, a escolha do tema não se deu de forma aleatória, mas como resultado de uma trajetória acadêmica que integra ensino, pesquisa e extensão, reforçando o compromisso com a reflexão crítica acerca das representações de infância na imprensa paraibana e seus desdobramentos pedagógicos.

Nesse percurso investigativo, destaca-se o acesso direto às edições físicas da revista *Era Nova*, disponibilizadas no acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), aliado à utilização da digitalização de parte dessas edições,

atualmente reunidas no repositório “Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX”, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A articulação entre as fontes físicas e digitais possibilitou localizar, identificar e cruzar informações, ampliando o alcance da pesquisa e contribuindo para a preservação e difusão da memória impressa da Paraíba.

A digitalização de parte das edições da revista *Era Nova* está atualmente disponível no repositório “Jornais e folhetins literário da Paraíba no século 19”, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹. O site reúne periódicos históricos do estado e oferece acesso público à coleção, contribuindo para a preservação e difusão da memória impressa da Paraíba. Essa fonte digital complementar permitiu a localização e identificação de edições específicas da revista, possibilitando cruzamentos com os materiais físicos acessados durante as visitas ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

A relevância deste estudo se insere no cruzamento entre a história da educação, os estudos da infância reconhecendo a imagem como uma fonte histórica legítima e um potente instrumento de pesquisa e reflexão pedagógica. Ao explorar e catalogar as representações das infâncias na imprensa paraibana do início do século XX, não se busca apenas recuperar registros do passado, mas sobretudo provocar questionamentos no presente, incentivando uma leitura crítica das imagens e das ideias de infância que elas carregam.

Esta pesquisa tem também relevância pessoal, pois nasceu da experiência da autora como integrante do Ghieg, no qual o debate crítico sobre as imagens e representações da infância tem sido continuamente fomentado. Além disso, a participação no projeto vinculado ao Prolicen fortaleceu a compreensão da imagem como documento pedagógico e histórico, ampliando as possibilidades de reflexão sobre o papel do educador frente às múltiplas infâncias. Assim, o trabalho contribui tanto para a formação da autora quanto para os objetivos coletivos do grupo, que busca valorizar pesquisas sensíveis às questões sociais e de memória.

Nesse sentido, a análise das imagens foi amparada por trabalhos acadêmicos que, ao se debruçarem sobre fotografias, periódicos e documentos educacionais, investigaram a educação infantil e as formas de representação da infância na Paraíba, especialmente nas primeiras décadas e meados do século XX. Essa interlocução com

¹ Disponível no site <https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/sobre.html>

pesquisas possibilita situar o presente estudo no campo historiográfico, estabelecendo um diálogo crítico com as produções anteriores e ampliando a compreensão sobre os modos como a infância foi concebida e difundida pela imprensa. Por isso, para iniciar este estudo, se realizou um mapeamento de trabalhos acadêmicos dentro da temática.

O Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Infantil) de Juliana Rachel Trigo Ferreira. “Os jardins de infância da Paraíba nos anúncios e nas fotografias da Revista do Ensino da Paraíba e no jornal “A União” (1935–1940)”, feito em 2022 no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em João Pessoa, orientado pela Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola, se destaca por sua abordagem que contempla os jardins de infância paraibanos sob a ótica das concepções pedagógicas, dos sujeitos escolares e da cultura material das instituições. Por meio da análise de imagens e anúncios, a pesquisa revela não apenas aspectos arquitetônicos e simbólicos dessas instituições, mas também as articulações políticas envolvidas em sua implantação e consolidação. O estudo contribui para a história da educação infantil na Paraíba, ao evidenciar como esses espaços educacionais foram fundamentais para a formação de novas práticas pedagógicas e para a construção de uma cultura escolar que permanece, em muitos aspectos, nas concepções contemporâneas.

Outro trabalho consultado é o TCC da autora Maria Suênia Guedes do Ó, “Que tudo seja para a glória e para o progresso da terra admirável de João Pessoa: Nação, Escola Nova e educação das crianças pequenas nas *Revistas do Ensino da Paraíba* (1932-1942)”, feito em 2021 no Centro de Educação da UFPB em João Pessoa, orientado pela Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espinola. Essa pesquisa analisa a construção social da infância e da criança por meio dos discursos presentes na *Revista do Ensino da Paraíba*, relacionando-os ao movimento da Escola Nova e ao projeto nacionalista vigente. A autora destaca como a imprensa educacional foi espaço fundamental para a circulação e legitimação de ideias modernas sobre infância, educação e cidadania, construindo a imagem da criança como “futuro da pátria” e reafirmando o papel da educação infantil no progresso social. A partir dessa perspectiva, o trabalho evidencia a importância dos discursos escolares para a formação dos imaginários sociais e das práticas pedagógicas no contexto paraibano.

O legado da professora Alice de Azeredo Monteiro é tema central do TCC “Alice de Azevedo Monteiro e a educação das crianças pequenas na Paraíba: a criação dos

primeiros jardins de infância e os escritos sobre infância na Revista do Ensino (1930-1942)", de Aurilane Regis Romão, feito em 2020 no Centro de Educação da UFPB em João Pessoa, orientado pela Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola. A autora investiga a trajetória da professora, jornalista e intelectual Alice de Azevedo Monteiro, ressaltando sua atuação na criação dos primeiros jardins de infância na Paraíba e sua contribuição para os debates educacionais por meio de seus escritos na *Revista do Ensino*. Além de analisar a dimensão pedagógica de sua atuação, o estudo ressalta o caráter pioneiro de Alice de Azevedo Monteiro na criação do primeiro jardim de infância da Paraíba, marco fundamental para a institucionalização da educação das crianças pequenas no estado. Essa iniciativa conferiu-lhe relevância não apenas como educadora, mas também como intelectual comprometida com a renovação das práticas educativas, ao articular saberes pedagógicos e ações concretas voltadas à infância. Nesse percurso, o trabalho também reconhece o valor histórico e afetivo de sua trajetória, evidenciado em sua relação com instituições como o Preventório Eunice Weber, ao mesmo tempo em que demonstra como sua atuação ultrapassou os limites da sala de aula, influenciando políticas públicas e colaborando para a construção de espaços educativos mais sensíveis às necessidades infantis.

O TCC "Os escritos de Mário Gomes na Revista do Ensino: suas perspectivas sobre a infância (1932-1942)", da autora Mariza Gomes da Silva, feito em 2019 no Centro de Educação da UFPB em João Pessoa, orientado pela Prof.^a Dr.^a Amanda Sousa Galvínio. Dedica-se à análise dos artigos do professor e intelectual paraibano, evidenciando suas concepções educacionais. A pesquisa revela como Mário Gomes valorizava o cuidado com as crianças, a importância do professor e o papel do Estado na proteção e formação das novas gerações, alinhando-se aos ideais modernizadores da Escola Nova e do projeto educacional da época. Seus escritos, segundo o estudo, contribuem para compreender a infância como base para a construção de uma sociedade, e destacam a escola como espaço fundamental para a transformação social. Ao reconhecer a relevância desses intelectuais, o trabalho enfatiza a importância de revisitar e valorizar as contribuições de figuras como Gomes para a história da educação paraibana. A infância passou a ser compreendida de maneira plural, reconhecendo a existência de múltiplas infâncias que variam segundo aspectos sociais, econômicos, raciais, de gênero e culturais.

O artigo "Modernização, fotografia e infâncias nas páginas da revista paraibana Era Nova (1921-1926)", de autoria de Marília Cristina de Queiroz e Joachin Azevedo

Neto, publicado em 2023 na Revista de História da UEPB, analisa como a infância foi representada nas páginas do periódico *Era Nova*, especialmente por meio das fotografias de crianças das elites paraibanas. A pesquisa parte da fotografia como fonte histórica e, apoiada em autores como Barther (1984) e Sontag (2004), discute como esses registros atuaram como testemunhos sociais e culturais. O estudo evidencia que as imagens infantis publicadas pela revista reforçavam os ideais eugenistas e higienistas da Primeira República, vinculando a infância a valores de saúde, pureza racial e modernidade. Ao destacar crianças brancas, bem vestidas e inseridas em contextos familiares abastados, a *Era Nova* projetava uma concepção de infância que servia como símbolo de progresso e de civilização, em consonância com o projeto modernizador nacional. O artigo contribui para compreender como a imprensa paraibana se tornou espaço de legitimação de modelos excludentes de infância, revelando tanto os ideais das elites quanto os silêncios em relação a outras vivências infantis.

Dessa forma, os estudos que dialogam com o uso das fotografias e dos documentos jornalísticos no contexto da educação das crianças pequenas e das representações das infâncias na Paraíba oferecem subsídios teóricos e metodológicos essenciais para esta pesquisa, especialmente no que se refere aos conceitos de fotografia como documento-monumento e testemunho do passado (Bauer; Pisaneschi; Freitas, 2021), representações sociais (Chartier, 1990) e paisagens de infância (Lopes, 2018). Esses referenciais permitem compreender as imagens não apenas em sua dimensão técnica e estética, mas como construções sociais e políticas que articulam valores, ideologias e imaginários em torno da infância. Ao mobilizar tais aportes, este trabalho organiza-se em cinco capítulos na seguinte estrutura: A introdução apresenta o tema, os objetivos e a relevância da pesquisa. Em seguida, o capítulo “As infâncias e a imprensa na Paraíba no início do século XX: a revista *Era Nova*” contextualiza a imprensa paraibana e a forma como as infâncias foram construídas e representadas no periódico. O capítulo metodologia da pesquisa expõe os procedimentos utilizados para a coleta, catalogação e análise das fotografias. Já em “Infâncias na revista *Era Nova*” são discutidas as representações infantis a partir das diferentes categorias temáticas. Por fim, em “Considerações finais”, retomam-se os principais resultados da investigação, evidenciando suas contribuições pedagógicas e históricas.

Assim, a seguir inicia-se a seção “As infâncias e a imprensa na Paraíba no início do século XX: A revista *Era Nova*” que tem como objetivo apresentar os referenciais que sustentam a análise desenvolvida nesta pesquisa.

2. AS INFÂNCIAS E A IMPRENSA NA PARAÍBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A REVISTA ERA NOVA

Este capítulo organiza-se em três subtópicos: primeiramente, discute-se a noção de infâncias, compreendida enquanto categoria social, política e histórica, destacando sua construção no campo das ciências humanas e sociais; em seguida, aborda-se a imprensa do século XX, enfatizando seu papel como espaço de circulação de ideias e de produção de representações; por fim, analisa-se a revista *Era Nova*, periódico paraibano das primeiras décadas do século XX, tomado como fonte central para compreender os modos como a infância foi representada no período.

2.1 As infâncias na perspectiva histórica

As infâncias, enquanto categoria social e histórica, constituem um campo de estudos que têm despertado crescente interesse nas ciências humanas e sociais. Compreender a infância não se limita a reconhecer as crianças como seres em desenvolvimento biológico, mas envolve a análise das construções sociais, culturais e políticas que definem o que é ser criança em diferentes contextos e momentos históricos. Segundo Ariès (1981), a infância como um conceito distinto só começou a se consolidar a partir da Idade Moderna, quando as sociedades passaram a reconhecer as especificidades dessa fase. A leitura de Ariès (1981), embora pioneira, tem sido criticada por sua limitação geográfica e cultural, centrada quase exclusivamente na realidade da França. Lopes (2018), por exemplo, questiona essa abordagem eurocêntrica, destacando que a infância deve ser compreendida a partir de múltiplos contextos históricos, sociais e geográficos. Segundo ele, “toda criança é criança de um local”, e por isso, as experiências infantis não podem ser generalizadas a partir de uma única realidade. Desde então, as imagens, discursos e práticas pedagógicas que envolvem as crianças desempenham papel fundamental na conformação das experiências infantis e na maneira como a sociedade as percebia e ainda hoje as percebe.

Nesse debate, destaca-se a contribuição de Jader Janer Moreira Lopes (2018), propõe uma leitura geográfica da infância a partir dos chamados “espaços e tempos desacostumados”. O autor chama atenção para o fato de que as experiências infantis não podem ser compreendidas de forma homogênea ou universalizada, mas devem ser situadas em contextos sociais, territoriais e culturais específicos. Essa abordagem permite compreender a infância como uma vivência plural, marcada por diferentes formas de inserção e participação no espaço social.

Para Lopes (2018) é preciso compreender a infância como um fenômeno relacional e situado, que se manifesta em contextos específicos marcados por disputas simbólicas e materiais. O autor propõe que as crianças não são meramente receptoras passivas de estruturas adultas, mas sujeitos ativos que constroem, negociam e transformam os espaços que ocupam. Essa ideia é expressa em seu conceito de “territorialidades das crianças”, que designa as geografias construídas pelas próprias crianças a partir do embate entre os espaços instituídos pelo mundo adulto e as formas como elas se apropriam, significam e habitam esses lugares no cotidiano. Isso implica considerar que há territorialidades das crianças, ou seja, geografias específicas construídas por elas mesmas, resultantes do embate entre os lugares designados pelo mundo adulto e as apropriações infantis desses espaços:

A infância, portanto, se dá num amplo espaço de negociação que implica a produção de culturas da infância, de lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e sua instituições, resultando desse embate uma configuração a qual chamamos de territorialidades das crianças, geografias construídas por elas. (Lopes, 2018, p. 24).

Essa citação destaca a centralidade da agência infantil no processo de produção de espaços, saberes e significados. Para além de uma fase biológica, a infância, para Lopes (2018), é vivida de maneira situada e inventiva, sendo constituída por múltiplas territorialidades que refletem as interações entre cultura, poder, infância e espaço. Essa abordagem contribui para ampliar o olhar pedagógico, deslocando-o da mera adaptação institucional.

Nessa perspectiva, Lopes (2018) reforça que toda criança é situada em um contexto específico, sendo necessário compreender a infância em sua dimensão geográfica e social: “Penso que toda criança é criança de um local. De forma correspondente, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência”

(Lopes, 2018, p. 24). Ao adotar essa abordagem, o autor desloca o olhar pedagógico da mera adaptação da criança à estrutura escolar ou aos espaços institucionais para uma escuta atenta das produções simbólicas infantis, que se expressam por meio de linguagens, práticas e formas próprias de ocupação do espaço. Essa concepção é fundamental para esta pesquisa, pois permite analisar as fotografias da imprensa paraibana não apenas como representações neutras, mas como construções sociais que revelam as territorialidades das infâncias legitimadas e também aquelas silenciadas nos discursos midiáticos. Ao considerar que cada infância é vivida de forma situada (atravessada por classe, gênero, cor e contexto histórico), torna-se possível interpretar criticamente quais experiências infantis foram visibilizadas nas imagens e quais foram excluídas, abrindo espaço para reflexões pedagógicas sobre desigualdade, memória e formação docente. Essa leitura fundamenta a proposta deste trabalho, cujo objetivo é examinar as representações das infâncias na imprensa paraibana entre 1921 e 1925, buscando compreender como tais imagens foram mobilizadas pedagogicamente e que concepções de infância ajudaram a consolidar.

As imagens, nesse contexto, ganham destaque como manifestações dessas produções simbólicas. Elas não apenas ilustram ou representam a infância, mas revelam disputas de sentido em torno do lugar da criança na sociedade. Lopes (2018) enfatiza que os discursos sobre a infância são atravessados por tensões e interesses diversos, como se observa na afirmação: “Na questão da responsabilidade com a infância, diferentes grupos e instituições aproximaram-se, afastam-se ou divergem quanto à produção de saberes ou o exercício do poder em relação às crianças” (Lopes, 2018, p. 24). Portanto, ao analisar as imagens infantis, como aquelas veiculadas na imprensa paraibana entre 1921 e 1925, é preciso compreendê-las como enunciados sociais, carregados de intencionalidades e posicionamentos simbólicos que expressam disputas sobre quem pode falar pela infância e como ela deve ser vista.

Além disso, Lopes (2018, p. 56) convida a uma leitura crítica da infância ao afirmar que “a infância, assim como o espaço, não é algo dado e natural, mas uma construção social e histórica marcada por conflitos, negociações e deslocamentos”. Com isso, o autor aponta para a diversidade de experiências infantis e para a pluralidade das infâncias, entendidas como resultado de diferentes contextos culturais, históricos e sociais. Tal compreensão permite perceber que não há uma

única concepção de infância, mas múltiplas formas de ser criança, condicionadas por fatores como classe social, gênero, território e relações de poder.

Essa leitura se articula à noção de paisagens de infância, desenvolvida por Lopes (2018) como forma de compreender os artefatos, espaços e símbolos construídos socialmente para e pelas crianças. Segundo ele, “ao reservarem um lugar social para suas crianças, [os grupos sociais] criam formas, elaboram artefatos que materializam as concepções preexistentes nesse contexto social, construindo o que denomino paisagens de infância” (Lopes, 2018, p. 33). Essas paisagens guardam traços históricos, afetivos e simbólicos, revelando tanto os modos de ver e tratar a infância quanto as formas como as crianças se inserem no mundo.

Dessa forma, comprehende-se a infância como uma categoria relacional, situada histórica e geograficamente, e as imagens infantis como artefatos sociais que expressam visões de mundo, valores culturais e práticas pedagógicas. É com base nessa compreensão que, no processo de catalogação das imagens realizado pelo grupo de pesquisa, optou-se por incluir o campo “local de guarda” na tabela analítica. Essa escolha visa valorizar o lugar enquanto elemento constitutivo das representações da infância, reconhecendo que cada imagem está imersa em um contexto espacial que contribui para a produção dos sentidos pedagógicos e simbólicos nela presentes.

No caso específico da imprensa paraibana entre os anos de 1921 e 1925, as imagens infantis trazem importantes pistas sobre a concepção de infância naquele período. O início do século XX no Brasil foi marcado por intensas transformações sociais e culturais, que influenciaram a maneira como a infância era entendida e representada. O avanço da escolarização, a crescente presença do Estado nas políticas sociais e o desenvolvimento dos meios de comunicação configuraram um cenário complexo em que a criança passou a ser vista tanto como um ser em formação quanto como um sujeito social com direitos e necessidades específicas. Ao analisar as fotografias da época, torna-se possível compreender as tensões e contradições presentes nessas representações e refletir sobre seus impactos na construção da identidade cultural regional.

A leitura dos trabalhos acadêmicos que precedem esta pesquisa oferece importantes pistas para compreender tais construções. O TCC de Mariza Silva (2018), por exemplo, ao analisar imagens de jardins de infância em periódicos paraibanos, demonstra como as fotografias foram utilizadas para legitimar uma concepção de

infância ordenada, disciplinada e inserida em projetos educativos de inspiração higienista. Já o estudo de Aurilane Nascimento (2019) evidencia como a imprensa deu visibilidade a crianças negras em contextos de marginalização, reforçando desigualdades raciais ao mesmo tempo em que as tornava objeto de discursos de tutela. O trabalho de Suênia Rodrigues (2020) amplia esse debate ao refletir sobre representações da infância feminina, destacando a associação entre meninas e ideais de pureza, religiosidade e submissão. Por sua vez, o TCC de Ferreira (2021) reforça a compreensão das infâncias como múltiplas, discutindo a presença de crianças trabalhadoras e os modos como a imprensa projetava imagens de esforço e docilidade para legitimar a exploração do trabalho infantil.

Esses trabalhos dialogam entre si e mostram que, na Paraíba, as infâncias foram reconhecidas de forma plural, mas sempre atravessadas por disputas de poder e diferenciações de classe, raça e gênero. O diálogo com Lopes (2018) reforça essa percepção: ao tratar das territorialidades infantis, o autor mostra que as crianças ocupam espaços sociais e simbólicos específicos, que nem sempre correspondem às imagens hegemônicas produzidas pela imprensa ou pelas instituições educativas. Assim, as representações de infância não se reduzem a retratos fotográficos, mas se articulam a um complexo conjunto de valores, práticas e disputas que definem quem merece visibilidade e reconhecimento.

Portanto, ao relacionar os TCCs produzidos anteriormente com os aportes teóricos de Lopes (2018), torna-se evidente que as infâncias, na Paraíba do início do século XX, foram concebidas de maneira heterogênea e estratificada. Se, de um lado, a imprensa projetava as crianças da elite como símbolo de futuro, progresso e distinção social, de outro, as crianças pobres, negras e órfãs eram representadas como objeto de tutela, disciplina e caridade. Essas diferentes formas de reconhecimento revelam não apenas os projetos educativos em circulação, mas também os modos como a infância foi politicamente disputada no interior da sociedade paraibana.

A partir dessas reflexões, o próximo capítulo discute de maneira mais detalhada o papel da imprensa paraibana do início do século XX, situando a revista *Era Nova* como material para a compreensão das representações da infância.

2.2 A imprensa paraibana e a ideia de infâncias

No século XIX, a Paraíba já contava com uma tradição jornalística, inaugurada com a *Gazeta do Governo da Parahyba* em 1826, considerada o primeiro jornal oficial do estado. Ao longo das décadas seguintes, proliferaram periódicos de orientação política, literária e educativa, que acompanharam a vida cultural da província e depois do estado (Maior, 2023). No início do século XX, esse movimento se intensificou, especialmente com os jornais republicanos e revistas culturais, que serviram como veículos de debate político e como espaços de afirmação de identidades locais.

A história da imprensa na Paraíba está profundamente vinculada ao processo de modernização cultural e política que marcou o início do século XX. Nesse período, o estado buscava afirmar-se no cenário nacional por meio de reformas urbanas, investimentos em educação e a circulação de periódicos que projetavam uma imagem de progresso. Como observa Abrantes e Burity (2024), a modernização paraibana, que conferiu um espaço enorme na gestão do presidente da época Solon de Lucena, junto com a revista *Era Nova* desempenhou papel decisivo na construção de uma memória coletiva, tornando-se espaço de disputa de ideias e de legitimação de projetos políticos e pedagógicos.

Nesse contexto, a circulação de jornais e revistas não apenas informava a população, mas também educava, difundindo valores morais, cívicos e religiosos. A imprensa funciona como um dispositivo de memória, capaz de selecionar quais acontecimentos, personagens e imagens devem ser lembrados e quais devem ser esquecidos. No caso da Paraíba, tal função foi exercida de modo marcante pela revista *Era Nova*, que, ao lado de outros periódicos, assumiu a tarefa de orientar percepções sobre a infância, a família e a escola.

A revista *Era Nova*, publicada em João Pessoa nas primeiras décadas do século XX, destacou-se como um instrumento de divulgação de ideais políticos e educacionais alinhados aos princípios da modernidade. Segundo Abrantes e Burity (2024, p. 152), o periódico “exerceu papel relevante na difusão das concepções da Escola Nova no contexto paraibano, funcionando como espaço de articulação entre propostas de reforma educacional, práticas pedagógicas e discursos sobre a infância”. Essa característica aproxima o impresso de experiências semelhantes em outras capitais nordestinas, como Recife e Salvador, onde revistas que tinham um caráter

pedagógico também cumpriram função de legitimar reformas e de difundir um modelo de escola voltado para a formação do cidadão moderno.

A circulação da revista *Era Nova* evidencia a capacidade da imprensa paraibana de produzir representações e de educar sensibilidades, transformando a criança em metáfora do futuro da nação e em signo de modernidade.

A imprensa paraibana ou a revista *Era Nova* deve ser entendida, portanto, como um espaço de construção simbólica da infância. Ao articular textos e imagens, produziu sentidos que ultrapassavam a informação jornalística, moldando sensibilidades e expectativas sociais sobre as crianças e suas formas de inserção no projeto de modernidade paraibana.

A revista *Era Nova*, publicada na Paraíba nas primeiras décadas do século XX, destacou-se como um instrumento de divulgação de ideais políticos e educacionais alinhados aos princípios da modernidade. Segundo Abrantes e Burity (2024), a revista exerceu papel relevante na difusão das concepções da Escola Nova no contexto paraibano, funcionando como espaço de articulação entre propostas de reforma educacional, práticas pedagógicas e discursos sobre a infância.

Mais do que um periódico de cunho estritamente educacional, a *Era Nova* configurava-se como uma ferramenta político-cultural que buscava consolidar uma identidade regional sintonizada com os ideais de progresso e racionalização da sociedade brasileira. Nesse sentido, a imprensa, de modo geral, seja no século XX ou atual funciona como "educador" da sociedade, informando, entretenendo e divulgando valores. A revista atuava como elemento estratégico na construção de uma narrativa pedagógica comprometida com a formação de sujeitos modernos, conscientes de seu papel na consolidação de um projeto nacionalista.

A análise dos textos, fotografias e anúncios publicados pela *Era Nova* permite perceber como esses materiais funcionavam como dispositivos pedagógicos e políticos, projetando representações de infância, de educação e de cidadania. As escolhas editoriais, a presença de imagens de crianças, professores e instituições, bem como a seleção temática dos artigos, refletem as disputas simbólicas do campo educacional entre modelos tradicionais e inovadores (Abrantes; Burity, 2024).

A revista *Era Nova*, ao publicar retratos de crianças, não apenas documentava a infância, mas também contribuía para a construção de uma identidade cultural e social, refletindo as dinâmicas familiares e as relações

sociais da época. (Abrantes; Burity, 2024, p. 155).

Dessa forma, a revista *Era Nova* não apenas registrou aspectos da história educacional da Paraíba, mas participou ativamente da construção dessa história, influenciando políticas públicas, práticas docentes e concepções de infância. Sua análise contribui para compreender os processos de constituição das múltiplas infâncias no cenário paraibano e os desafios enfrentados para a implementação de uma educação sensível às desigualdades sociais e comprometida com a transformação social.

A escolha do artigo de Abrantes e Burity (2010) como uma das principais referências deste trabalho justifica-se pela relevância teórico-metodológica da obra no que tange à compreensão da imprensa educacional como agente ativo na construção de representações sobre infância, educação e cultura política na Paraíba. Os autores oferecem uma análise densa e crítica sobre a revista *Era Nova*, destacando seu papel na difusão dos ideais da Escola Nova e na conformação de um projeto de modernização pedagógica no estado.

"A estética das imagens, com suas intervenções gráficas e a escolha de retratos, revela um olhar moderno sobre a infância, que se alinha às tendências culturais do período" (Abrantes; Burity, 2024, p. 155). Tal perspectiva é central para este estudo, uma vez que a investigação parte da concepção de que as imagens veiculadas na imprensa educacional da época (especialmente em publicações como a *Era Nova*) constituem documentos históricos que expressam intencionalidades políticas, disputas simbólicas e representações sociais sobre as múltiplas infâncias. Assim, o artigo fornece embasamento teórico consistente para compreender como a imprensa escolar não apenas refletiu, mas também produziu sentidos e práticas no campo educacional, contribuindo de forma significativa para a análise histórica da infância e da educação na Paraíba.

No âmbito desta pesquisa, essa discussão se mostra particularmente relevante, pois possibilita compreender como a *Era Nova* não apenas refletiu os debates educacionais e culturais de sua época, mas também contribuiu para produzir sentidos sobre a infância. Assim, o estudo das imagens publicadas pelo periódico permite revelar as estratégias de visibilidade e invisibilidade das infâncias paraibanas, conectando a análise histórica ao olhar pedagógico que orienta este trabalho.

A revista *Era Nova* foi um importante periódico modernista que circulou na Paraíba entre 1921 e 1926, destacando-se por sua proposta de modernização cultural e social. Criada em um contexto de efervescência cultural, a revista surgiu a partir de serões literários na casa de Guimarães Sobrinho, onde jovens intelectuais se reuniam para discutir literatura e atualidades. "A revista *Era Nova* se constituiu como um projeto cultural de enorme abrangência na Paraíba dos anos 1920" (Abrantes; Burity, 2024, p. 152). O objetivo era não apenas informar, mas também promover uma nova estética e uma nova forma de sociabilidade, refletindo as transformações da sociedade da época.

Através de suas páginas, a *Era Nova* buscou inserir a cidade no circuito do "mundanismo", uma palavra que simbolizava a nova dinâmica social e cultural que emergia na época. A revista abordava temas variados, incluindo crônicas esportivas, notas sociais e artigos de opinião, sempre com um olhar voltado para a modernidade. Os editores enfatizavam a necessidade de um "trabalho perfeito" para que a revista pudesse se destacar em um cenário competitivo, refletindo a busca por uma identidade cultural que dialogasse com as tendências internacionais.

Logo, o projeto de uma revista ilustrada, literária e noticiosa, de circulação quinzenal, que criasse uma espécie de circuito cultural ligando toda a Paraíba e para além dela, dando visibilidade aos literatos, se inspirava e buscava representar esses anseios modernos, a começar enunciando-os em seu próprio título. O desejo de tornar a *Era Nova* signo de novidade, porta-voz de uma outra época, com a experimentação de novas linguagens e formas de expressão, manifesta-se no largo uso de recursos como cores, desenhos, fotografias, dando destaque à publicação de crônicas, poemas, cartas, artigos de opinião, notas sociais, além dos frequentes anúncios publicitários. (Abrantes; Burity, 2024, p. 133).

O periódico não apenas documentou as mudanças estéticas e culturais, mas também atuou como um veículo de modernismo de Estado, promovendo uma visão de sociedade que incluía melhorias em infraestrutura, atitudes e valores. Através de suas páginas, a *Era Nova* se tornou um espaço de visibilidade para a elite local, publicando retratos de figuras políticas e culturais, e contribuindo para a formação de uma nova identidade cultural na região.

A escolha da revista *Era Nova* como fonte para esse trabalho se justifica pela relevância do periódico na construção de representações sociais e culturais da infância na Paraíba durante o período modernista. "Eis o papel do periodismo literário nesse novo século: lançar perspectivas novas para o mundo moderno, pautando

novas sociabilidades e práticas culturais" (Abrantes; Burity, 2024, p.131) A revista não apenas refletiu as transformações sociais da época, mas também abordou questões relacionadas à educação, valores e a formação da identidade infantil, oferecendo um rico material para análise sob uma perspectiva pedagógica. Nesse sentido, a pesquisa apoia-se na análise das fontes impressas e em referenciais da história da infância e da educação para compreender como a *Era Nova* articulou imagens e narrativas que produziram sentidos sobre a infância. Além disso, a diversidade de conteúdos e a qualidade gráfica da *Era Nova* proporcionam um campo fértil para investigar como as imagens e narrativas sobre a infância foram construídas e disseminadas na imprensa paraibana. No próximo capítulo, explica-se o percurso metodológico percorrido neste trabalho, para tal, se mostra como foram recolhidas as fontes e como foram catalogadas.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia adotada neste trabalho foi construída a partir do contato direto com as fotografias da revista preservadas no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e no repositório “Jornais e folhetins literário da Paraíba no século 19”, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O processo metodológico não se restringiu apenas à coleta das imagens, mas envolveu uma série de etapas que garantiram tanto a integridade dos documentos quanto a sistematização dos dados para análise posterior.

As visitas presenciais ocorreram em diferentes momentos de 2024 e 2025, sempre acompanhadas da professora orientadora, estudantes vinculados ao projeto (bolsistas e voluntários) e, em algumas ocasiões, por monitoras do projeto Prolicen. Nesses encontros, foram manuseadas edições originais da revista *Era Nova*, publicadas entre 1921 e 1925. Por se tratar de materiais centenários, em estado de conservação delicado, adotaram-se medidas de proteção e cuidado como o uso de luvas descartáveis, máscaras faciais para evitar contato com poeira e fungos, além de régua e cadernos para registrar dimensões e observações específicas.

A autora realizou duas visitas ao IHGP nos dias 23 e 30 de setembro de 2024, acompanhada da professora Dra. Maíra Lewtchuk, orientadora e também umas das coordenadoras do projeto. Essas visitas foram fundamentais para a delimitação do objeto de estudo e para a familiarização com as fontes. Durante esses encontros,

foram manuseadas edições originais da revista *Era Nova*, possibilitando a identificação inicial das imagens e temas recorrentes relacionados à infância na imprensa paraibana. Essas experiências marcaram o início efetivo da pesquisa empírica da autora e seu primeiro contato direto com o acervo do IHGP, o que contribuiu significativamente para a definição da metodologia adotada e do recorte temporal.

No dia 14 de março de 2025, realizou-se uma visita ao IHGP com a participação das monitoras do projeto e de um bolsista integrante da equipe. A atividade ocorreu no período matutino, das 9h às 11h, durante o qual foram consultadas as edições das revistas da *Era Nova*, abrangendo o período de 1921 a 1925. Durante a visita, foram realizadas fotografias das fontes consultadas, bem como o processo de catalogação das imagens selecionadas. Todas as referências, materiais e fotografias utilizadas neste estudo foram coletados exclusivamente no acervo do IHGP, garantindo a originalidade e a relevância histórica das fontes analisadas.

A elaboração da catalogação das fotos desenvolvida nesta pesquisa foi parcialmente inspirada nas consideradas das reflexões apresentadas por Bauer, Pisaneschi e Freitas (2021), que abordam a fotografia na condição de documento-monumento e testemunho direto e indireto do passado, articulando aspectos técnicos, estéticos e políticos da imagem no processo de análise historiográfica. A catalogação seguiu critérios específicos que contemplam aspectos temáticos, identitários e contextuais das fotografias, visando organizar as informações para posterior análise. A tabela de catalogação utilizada contempla os seguintes campos: (a) número da fotografia; (b) periódico; (c) ano/número da edição; (d) local de guarda; (e) tema retratado; (f) pessoas retratadas; (g) objetos presentes; (h) atributos das pessoas; (i) atributos da paisagem; (j) tamanho e (k) formato da imagem. Esse elementos foram definidos com base em critérios técnicos e historiográficos, permitindo a sistematização das informações e a construção de uma leitura crítica das imagens. O campo “tema retratado” busca identificar o eixo central da imagem (por exemplo: infância, família, festividades); os campos “pessoa(s) retratada(s)” e “atributos da paisagem” possibilitam a análise das formas de vestimenta, expressões corporais, cenário e ambientação, importantes para compreender os marcadores sociais e culturais; o campo “objeto(s) retratados” analisa se a criança está segurando algum objeto/brinquedo. Já o campo “local de guarda” permite vincular a imagem ao seu

contexto de preservação e circulação, em diálogo com a noção de paisagens de infância (Lopes, 2018).

A tabela, portanto, funciona como um instrumento metodológico que organiza os dados de forma clara e permite comparações entre diferentes imagens, contribuindo para a análise das representações das infâncias veiculadas na imprensa paraibana no início do século XX.

A seguir, apresenta-se um exemplo ilustrativo de uma das catalogações realizadas:



Figura 1 - Exemplo de fotografias catalogada

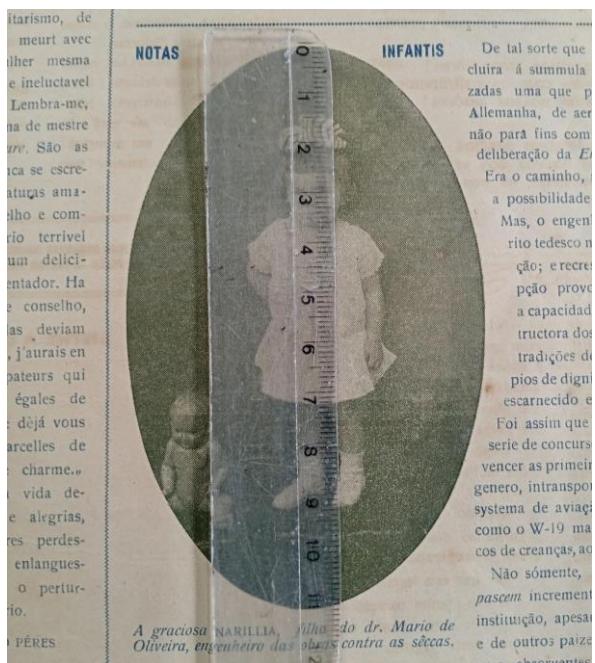


Figura 2 - Exemplo de fotografia catalogada
Fonte: REVISTA “ERA NOVA” (1923, s.p)

Tabela 1 - Exemplo da Tabela de Catalogação

Número da fotografia	14
Periódico	Era Nova
Ano/Número da Revista	1923 / 52
Local de guarda	IHGP
Tema retratado	Infância / Família / Notas sociais
Pessoa(s) retratada(s)	Narillia, filha do Dr. Mário de Oliveira, engenheiro responsável por obras contra as secas
Objeto(s) retratado(s)	Um boneco ao lado da criança no canto inferior esquerdo
Atributos das pessoas	Criança pequena (provavelmente 2 a 3 anos), de vestido claro, meias e sapatos, usando um grande laço na cabeça; expressão séria e postura rígida, típica de retratos posados; inserida na seção “Notas Infantis”, o que demonstra uma valorização da

	infância burguesa na imprensa; reforçando a construção de um ideal de infância elegante, inocente e pertencente a um grupo social específico
Atributos da paisagem	Fundo neutro, provavelmente pintado ou um estúdio fotográfico; com foco na criança; a presença do nome do pai e sua profissão sugere que a visibilidade da criança está diretamente ligada ao status familiar
Tamanho da foto	Aproximadamente 7 cm de largura x 11,2 cm de altura
Formato da foto	Oval

O número da fotografia foi definido para organizar o acervo da pesquisa e possibilitar a referência rápida a cada imagem, garantindo um controle sistemático durante a análise. O ano e número da revista foram incluídos porque permitem localizar a publicação original, situando a fotografia no tempo e vinculando-a a um contexto histórico e editorial específico. O lugar de guarda, neste caso o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), foi registrado por se tratar da instituição responsável pela preservação do periódico, informação fundamental para consultas futuras e para a valorização da memória impressa. O tema retratado foi categorizado de modo a indicar os principais eixos de sentido da imagem, como infância, família e notas sociais, favorecendo a análise a partir de recortes que dialogam com os objetivos do trabalho. As pessoas retratadas foram descritas para identificar sujeitos individuais ou coletivos que aparecem na fotografia, ressaltando suas posições sociais, vínculos familiares e possíveis significados atribuídos à sua presença no periódico. Os objetos retratados foram incluídos como categoria porque contribuem para a interpretação da cena, já que elementos materiais, como brinquedos, roupas ou adereços, funcionam como símbolos culturais e pedagógicos. Os atributos das pessoas foram detalhados a fim de registrar aspectos físicos, expressões, gestos, vestimentas e posturas, permitindo compreender como a infância foi representada em termos estéticos, sociais e culturais. Os atributos da paisagem foram considerados porque o cenário, o fundo e os elementos espaciais também comunicam sentidos,

revelando escolhas fotográficas e valores sociais sobre a infância e sua visibilidade. O tamanho da fotografia foi mensurado porque a dimensão física da imagem interfere na forma como ela é percebida no periódico, revelando se se tratava de um destaque visual ou de uma nota secundária. Por fim, o formato da fotografia foi descrito, como no caso do oval, porque a forma de apresentação também carrega intencionalidades estéticas e culturais, dialogando com padrões de distinção e valorização social presentes na imprensa da época.

Essas categorias foram escolhidas para a catalogação porque, em conjunto, permitem uma leitura minuciosa e interdisciplinar das fotografias. Elas não apenas organizam o material, mas também evidenciam dimensões sociais, culturais e pedagógicas das imagens, transformando os registros fotográficos em fontes históricas capazes de revelar os modos como a infância foi representada e idealizada na Paraíba do início do século XX.

As reflexões desenvolvidas ao longo do projeto e no grupo de pesquisa possibilitaram o amadurecimento do olhar sobre a imagem, capaz de produzir sentidos, provocar questionamentos e gerar diálogo entre o passado e o presente. As fotografias deixaram de ser vistas como meras ilustrações para se tornarem fontes históricas potentes, que comunicam, selecionam, ocultam e educam.

A etapa de registro das imagens foi realizada por meio de fotografias digitais, capturadas com celular, o que permitiu maior agilidade no processo para posteriormente fazer a organização em documentos próprios. Cada imagem registrada foi acompanhada de uma descrição preliminar, anotada em caderno de campo, contemplando elementos como o número da edição, o contexto de publicação, as pessoas retratadas, os objetos presentes e a ambientação. Essa prática se aproxima da proposta metodológica de Bauer, Pisaneschi e Freitas (2021), que entendem a fotografia como documento-monumento, ou seja, simultaneamente vestígio do passado e construção simbólica a ser interrogada.

Ao mesmo tempo, foi realizada uma catalogação sistemática, inspirada em trabalhos anteriores que se dedicaram ao estudo da imprensa e das representações das infâncias na Paraíba (Ferreira, 2022; Ó, 2021; Romão, 2020; Silva, 2019). A tabela de catalogação elaborada nesta pesquisa seguiu critérios específicos: número da fotografia, periódico, ano/número da edição, local de guarda, tema retratado, pessoa(s) retratada(s), objetos, atributos pessoais e da paisagem, dimensões e formato da imagem. Esse protocolo metodológico buscou não apenas organizar as

informações, mas também possibilitar análises comparativas entre as imagens, revelando padrões e diferenças nas representações infantis.

Ao refletir sobre o estatuto da fotografia, Barthes (1984, p. 13) lembra que:

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o *Tal* (tal foto, e não a foto), em suma a *Tique*, a Ocasião, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável.

Esse entendimento reforça a importância do cuidado na coleta e catalogação realizada no IHGP, pois cada imagem da *Era Nova* não apenas representa um fragmento do passado, mas preserva um instante único e irrepetível da infância paraibana. Assim, o registro feito com o celular, aliado às anotações em campo, buscou capturar essa singularidade, garantindo que a análise posterior não se limitasse ao aspecto visível, mas também considerasse o valor existencial e histórico que cada fotografia carrega.

Ao mesmo tempo, conforme alerta Susan Sontag (1997), nenhuma fotografia é neutra: ela carrega intenções, escolhas e silêncios que precisam ser problematizados. Assim, a análise aqui empreendida não se limitou ao conteúdo visível da imagem, mas buscou identificar as mensagens implícitas, os valores culturais e os projetos sociais nela inscritos.

Outra referência importante foi Bertrand Lira (1997), que analisou a expansão da prática fotográfica na Paraíba entre 1850 e 1950, mostrando como o retrato se tornou símbolo de status e modernidade para determinados grupos sociais. No caso da *Era Nova*, essa lógica se evidencia tanto nas seções dedicadas às elites quanto nas fotografias de crianças, publicadas como demonstração de distinção familiar e capital simbólico.

A catalogação das imagens de crianças, portanto, não foi uma simples listagem. Ela se configurou como um exercício de leitura crítica das representações, em diálogo com a noção de “paisagens de infância” proposta por Lopes (2018), segundo a qual os espaços e contextos habitados pelas crianças refletem disputas simbólicas sobre o lugar social da infância. Ao adotar esse olhar, buscou-se compreender como a imprensa paraibana das primeiras décadas do século XX

construiu determinadas imagens de infância, quais sujeitos foram valorizados e quais experiências permaneceram invisibilizadas.

A catalogação das 71 fotografias de crianças da Paraíba publicadas na revista *Era Nova* entre 1921 e 1925, revelou um amplo repertório de representações das infâncias. Mais do que simples registros, tais imagens devem ser compreendidas como documentos históricos e pedagógicos que, ao mesmo tempo em que mostram, também silenciam determinadas experiências infantis. Como lembram Bauer, Pisaneschi e Freitas (2021, p. 165):

Partindo do pressuposto de que as fotografias se constituem em documento-monumento que nos fornecem testemunho do passado, o tratamento a elas dado precisa levar em consideração tanto o seu aspecto técnico-formal quanto os contextos de sua produção.

Nesse sentido, cada fotografia da revista *Era Nova* não apenas retrata crianças, mas expressa escolhas estéticas, políticas e sociais que ajudam a construir representações específicas da infância. A tabela a seguir apresenta a distribuição das fotografias catalogadas da revista, organizadas por tópicos e suas respectivas quantidades:

Tabela 2 - Fotografias da Revista Era Nova

Espaço escolar	7 fotografias
Crianças negras	2 fotografias
Brinquedos / Objetos	7 fotografias
Capa da revista	1 fotografias
Bebê nu	2 fotografias
Criança com a família	6 fotografias
Caráter religioso	4 fotografias
Trabalho infantil	1 fotografias
Desfile militar	1 fotografias
Festividades	8 fotografias

Elite paraibana	32 fotografias
-----------------	----------------

Diante dessa diversidade, para a análise da pesquisa foram selecionadas quatro categorias: crianças negras e pobres, crianças da alta sociedade, educação das crianças e por fim o trabalho infantil. Essa escolha não se deve apenas ao número de ocorrências, mas principalmente ao potencial de problematização que cada uma oferece.

A escola, por revelar a infância disciplinada e vinculada ao projeto moderno de educação. A elite, porque constitui a maioria esmagadora dos registros e evidencia a infância burguesa como modelo hegemônico. O trabalho infantil, ainda que apareça em apenas uma fotografia, foi incluído por mostrar uma experiência marginalizada e invisibilizada pela revista. E, por fim, as crianças negras, pela raridade de sua aparição e pelo modo como sua presença revela hierarquias raciais na representação da infância.

Assim, ao priorizar essas quatro categorias, o trabalho busca compreender não apenas o que a revista mostrou, mas também o que ela silenciou, destacando as tensões entre visibilidade e invisibilidade, inclusão e exclusão das diferentes infâncias no contexto da imprensa paraibana. No próximo capítulo apresenta-se as análises das fotografias.

4. INFÂNCIAS NA REVISTA *ERA NOVA*

O seguinte capítulo tem como objetivo analisar as diferentes representações das infâncias publicadas na revista *Era Nova*, entre 1921 e 1925, destacando as formas pelas quais a sociedade paraibana da época imaginava, construía e hierarquizava a infância. Por meio das fotografias e textos veiculados pela revista, é possível perceber não apenas a diversidade das experiências infantis, mas também os recortes sociais, econômicos e raciais que moldavam essas representações.

Para tanto, o capítulo está organizado em quatro seções. A primeira, intitulada “Intrusos no enquadramento: as crianças negras e as infâncias pobres”, discute como crianças de famílias negras e de baixa renda eram representadas, muitas vezes como figuras marginalizadas ou fora do padrão de infância idealizado. Em seguida, a seção “‘Petizes Parahybanos’ ou ‘Notas Infantis’: as crianças da elite paraibana” evidencia a construção de uma infância ligada à elite local, marcada por brincadeiras, educação e

visibilidade social diferenciadas. A terceira parte, “A educação das crianças pobres: o Orfanato D. Ulrico”, explora as representações das crianças pobres institucionalizadas, destacando a mediação educacional como estratégia de formação moral e social. Por fim, “As crianças campesinas e o trabalho infantil” analisa a presença das crianças rurais, abordando a realidade do trabalho infantil e suas implicações na construção da imagem da infância na sociedade paraibana.

Dessa forma, os próximos subtópicos buscam compreender como a revista *Era Nova* não apenas refletia, mas também contribuía para a construção social da infância, revelando tensões entre classe, raça e educação em um período de consolidação de imaginários sociais no estado da Paraíba.

4.1 Intrusos no enquadramento: as crianças negras e as infâncias pobres

As representações de crianças negras e pobres na revista *Era Nova* são raras, mas carregadas de significados. A escassez de registros já é, em si, um dado analítico das dezenas de fotografias publicadas, apenas duas trazem crianças negras em evidência, quase sempre em contextos marginais ou de menor centralidade na cena. Essa ausência demonstra como a imprensa paraibana do período construiu uma infância marcada pela seletividade racial e social, reforçando a ideia de que apenas algumas crianças eram dignas de serem celebradas e lembradas. Ao mesmo tempo, a presença, mesmo que mínima, dessas imagens evidencia que as crianças negras existiam e ocupavam os espaços urbanos, ainda que não fossem protagonistas no discurso visual da revista. A análise dessa categoria é importante porque permite discutir os silêncios e invisibilidades produzidos pela imprensa, bem como refletir sobre os mecanismos de exclusão racial que atravessavam as construções da infância na década de 1920.

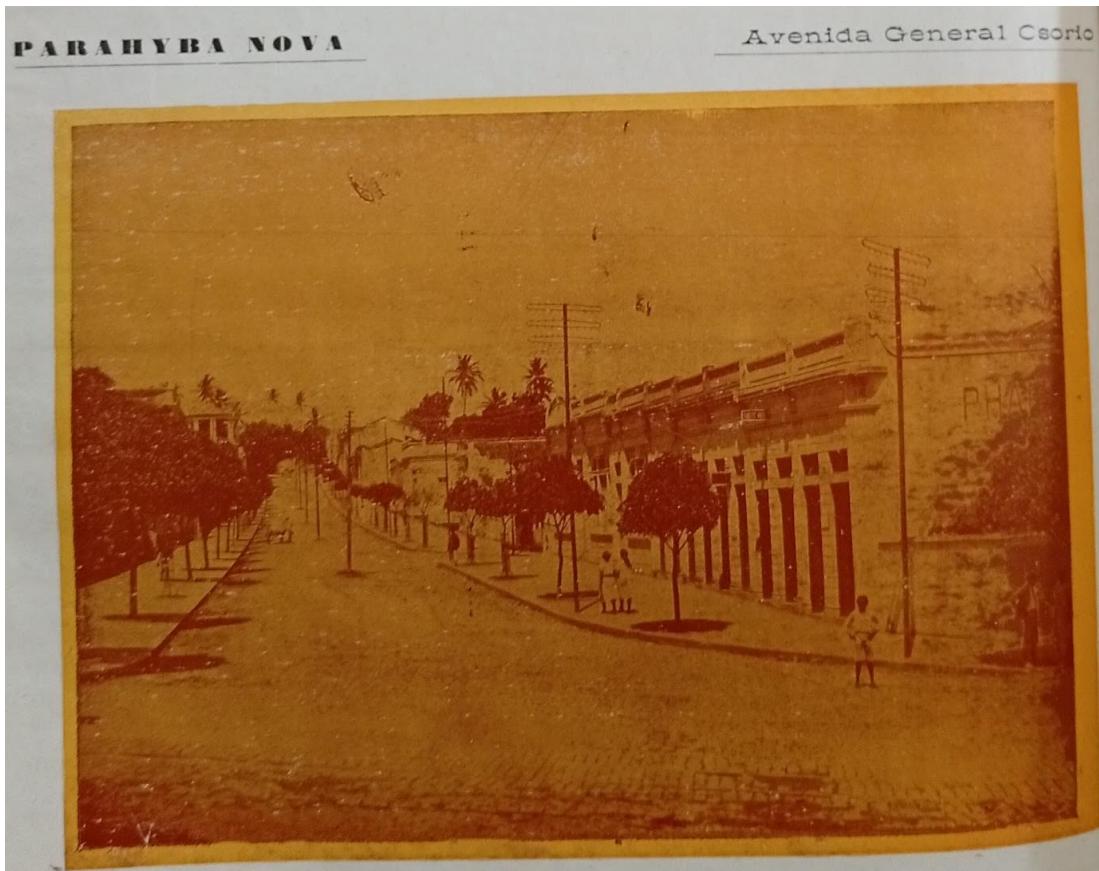


Figura 3 - Criança negra na paisagem urbana

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (Era Nova, 1923, s.p)

A primeira fotografia em tons de laranja ou sépia mostra uma avenida, publicada em 1923, da Avenida General Osório da Paraíba do século XX. À esquerda, vê-se uma sequência de fachadas coloniais, algumas de um só pavimento, com portas e janelas em madeira, compondo um cenário de ordem e urbanidade. O calçamento em pedras se estende até o centro do quadro, acompanhado por postes de iluminação elétrica que marcam o projeto de modernização da cidade. Mas é apenas à direita, quase na borda da foto, que aparece a figura de um menino negro, de roupas modestas e pés descalços. Sua postura é lateral, o rosto volta-se parcialmente ao fotógrafo, mas não ocupa protagonismo e parece um intruso no registro urbano. O enquadramento evidencia que a intenção do fotógrafo não era retratá-lo, mas sim exaltar os melhoramentos da cidade. Essa presença incidental é reveladora, pois, como observa Schwarcz (2016, p. 21), “a infância é sempre plural, feita de experiências distintas de classe, cor e gênero”. Essa pluralidade, contudo, era frequentemente silenciada, e a imagem nos mostra como a imprensa local invisibilizava determinados sujeitos, ao mesmo tempo em que os fixava em papéis

secundários. A imagem é crucial para este trabalho pois expõe como certas infâncias eram reduzidas a pano de fundo, compondo o cenário, mas não o centro da narrativa fotográfica. Ela escancara a tensão entre visibilidade e apagamento, evidenciando como o discurso visual da época selecionava quais infâncias seriam reconhecidas como dignas de memória.

4.2 “Petizes Parahybanos” ou “Notas Infantis”: as crianças da elite paraibana

A categoria das crianças da alta sociedade é a mais numerosa da catalogação, somando 32 fotografias, em sua maioria na seção intitulada “Petizes Parahybanos” ou “Notas Infantis”, que são títulos retirados da própria revista. Nessas páginas, os filhos de médicos, engenheiros, promotores de justiça e comerciantes eram retratados em poses sofisticadas, trajando roupas elegantes e frequentemente acompanhados por objetos que denotavam distinção. Entre essas imagens, foram identificadas sete fotografias de crianças segurando brinquedos. Vale destacar que essas são as únicas fotografias do acervo em que brinquedos aparecem, o que evidencia que o acesso a esses objetos lúdicos estava restrito à elite paraibana, reforçando a relação entre infância, consumo e status social.

Essas imagens não apenas expunham o prestígio das famílias, mas também projetavam um modelo de infância idealizado, branco e burguês, que servia como referência para o restante da sociedade. Ao identificar, nomear e enaltecer essas crianças, a revista funcionava como um espaço de legitimação social e cultural, reforçando hierarquias de classe e raça. A escolha dessa categoria é fundamental para compreender como a infância foi usada como instrumento simbólico de poder e como a imprensa desempenhou um papel ativo na construção de uma identidade elitizada da sociedade paraibana no início do século XX.



Figura 4 - O pequeno Antônio

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (Era Nova, 1925, s.p)

A segunda fotografia publicada em 1925 mostra o pequeno Antônio, filho do Sr. Fernando Pessoa, prefeito de Itabaiana por dois mandatos de 1911 a 1915 e de 1933 a 1937. A criança está sentada em um carrinho de brinquedo que imita um automóvel. À primeira vista, trata-se de uma cena singela da vida privada de uma família de elite, mas, quando analisada à luz das convenções visuais descritas por Schwarcz (2016), percebe-se que a imagem carrega significados mais profundos sobre a infância naquele contexto histórico. O menino aparece bem-vestido, com roupas claras e chapéu, com um sorriso no rosto, centralizado no enquadramento, pousando em lugar aberto e sem a presença de adultos. Essa composição sugere não apenas um retrato de afeto familiar, mas a construção de uma infância autônoma, saudável e moderna, vinculada à ideia de distinção social. O carrinho em miniatura, réplica de um bem de consumo associado ao progresso e ao luxo, atua como marcador de classe, revelando que a brincadeira infantil também era atravessada por símbolos de status.

Nesse ponto, é fundamental lembrar que, como afirma Schwarcz (2016, p. 34), “a infância é signo reconhecível não por remeter a um conteúdo último, mas pela reiteração teimosa e reconhecível, criadora de verdadeiras convenções discursivas e

ademas visuais.” A imagem, portanto, não representa a totalidade da infância paraibana da década de 1920, marcada para a maioria das crianças pelo trabalho precoce, pela precariedade e pela ausência de recursos materiais. Ao contrário, ela reflete um projeto de infância burguês, moldado pelo acesso a objetos de lazer e pela inserção em uma rede de sociabilidade que buscava afirmar a modernidade e o prestígio da família. O registro funciona, assim, como uma vitrine pública do que deveria ser lembrado e perpetuado como ideal de infância: branca, burguesa e protegida.

A escolha em utilizar essa fotografia é justamente por sua força representativa. Mais do que ilustrar uma criança em momento de lazer, ela expressa a forma como a elite paraibana dos anos 1920 escolhia exibir a infância e, ao mesmo tempo, ocultar outras realidades. A imagem fala de uma infância possível apenas para alguns e, por isso mesmo, revela tanto quanto silencia. Ao analisá-la, é possível perceber como a infância não era apenas vivida, mas produzida visualmente, tornando-se parte de uma narrativa social em que lembrança, modernidade e poder se entrelaçavam.

4.3 A educação das crianças pobres: o Orfanato D. Ulrico

As imagens ligadas à criança no espaço escolar somam 7 fotografias, que retratam elas em escolas, orfanatos e bandas marciais. Esses registros evidenciam o lugar central que a formação escolar ocupava no imaginário da época. A criança aparece como sujeito em processo de disciplinamento, moldada por instituições que buscavam associar o aprendizado à ordem e ao progresso. Mais do que documentar o cotidiano escolar, essas imagens cumprem um papel político.

Esse número reduzido de registros evidência não apenas a escassez documental sobre a infância institucionalizada, mas também aponta para os limites da representação visual no período. Como observa Lehmkühl (2010, p. 55, **apud** Molina, 2015, p. 461):

Para o historiador, depara-se com imagens em meio aos documentos escolhidos para a elaboração de sua narrativa é acontecimento muitas vezes carregado de medos e desconfianças, seguido de abandono das imagens ou então da opção por utilizá-las de maneira meramente ilustrativa.

Essa advertência reforça a necessidade de olhar para as fotografias não como simples ilustrações, mas como fontes históricas dotadas de intencionalidade, capazes de revelar tanto práticas de disciplinamento quanto projetos de civilização.

A imprensa divulgava a ideia de que a modernização da Paraíba dependia diretamente da educação de suas crianças. Ao priorizar essa categoria, a análise busca compreender como a *Era Nova* vinculava a infância ao projeto de civilização, mostrando-a como um corpo coletivo a ser conduzido por valores de disciplina, civismo e moralidade. Assim, a educação é aqui entendida como uma dimensão estratégica da infância, legitimada e propagada pela imprensa.

A escolha desta categoria permite analisar como a infância era representada no espaço educativo, associado a disciplina, ordem e formação moral. As fotografias de orfanatos, escolas e bandas escolares reforçam a ideia da criança como sujeito a ser moldado para a modernidade.

As duas fotografias do Orfanato D. Ulrico, publicadas em 1923, oferecem uma síntese representativa do modo como a cidade quis projetar a infância institucionalizada. Mais do que simples registros de meninas órfãs, elas revelam convenções visuais que moldaram a imagem da infância pobre como disciplinada, ordeira e sob a tutela da Igreja. Nessas cenas, a espontaneidade infantil é substituída por um enquadramento que reforça a função social da instituição: transformar meninas desvalidas em corpos dóceis e obedientes, alinhados a um ideal moral e religioso.



Figura 5 Orfanato D. Ulrico

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (Era Nova, 1923, s.p)

Na primeira fotografia, um grande grupo de meninas aparece disposto em fileiras diante da fachada do edifício, acompanhadas pela Diretoria do Orphanato D. Ulrico com as religiosas e o Desembargador Heráclito Cavalcanti que dirigiam a instituição. O enquadramento frontal, a rigidez das posturas das crianças e a uniformidade dos vestidos claros compõem uma imagem de ordem e serenidade, mas que, sob olhar atento, revela o projeto de disciplinamento do corpo infantil.

Como lembra Funari e Zanakian (2005, p. 142, apud Molina, 2015, p. 477):

[...] sua arquitetura e organização do espaço são estruturadas a partir dos discursos produzidos pelo poder, ao materializarem-se nas estruturas físicas as relações sociais que existem no interior da sociedade (tanto de dominação como de resistência). Dessa forma, a estrutura física transforma-se em um dispositivo que organiza, classifica, ordena e hierarquiza as pessoas em seu interior.

Nesse sentido, a fachada do orfanato não é apenas cenário, mas parte do projeto disciplinador que enquadra visualmente as internas, organizando seus corpos em fileiras e reforçando a lógica da ordem e da hierarquia.

Não se trata de um registro neutro porque a imagem encena a eficácia da instituição em converter a infância desamparada em coletivo dócil e obediente. Como

observa Nascimento (2015, p. 19), “no Orphanato D. Ulrico as meninas órfãs eram submetidas a um regime disciplinador, no qual se ensinavam prendas domésticas, trabalhos manuais e princípios de moral cristã, buscando moldar corpos e comportamentos.” A estética do enquadramento com os olhares voltados para a câmera, gestos contidos, religiosas em posição de tutela, traduz visualmente essa missão de formar não individualidades, mas sujeitos padronizados segundo um ideal de obediência.

A função social da instituição transparece no próprio modo como as internas foram representadas. Mais do que acolher órfãs, o orfanato visava prepará-las para papéis específicos dentro da sociedade: “a instituição tinha por finalidade retirar as crianças pobres da rua e oferecer-lhes instrução elementar e religiosa, de modo a transformá-las em futuras esposas e mães dedicadas, úteis à sociedade” (Nascimento, 2015, p. 19). A fotografia confirma esse projeto ao registrar a infância não como espaço de espontaneidade, mas como fase de adestramento moral e social.

Como lembra Schwarcz (2016, p. 26), “existe, assim, uma convenção visual produzida ao longo do tempo, com as imagens ‘dialogando entre si’.” A imagem do Orphanato insere-se nesse repertório visual, no qual a infância pobre é constantemente associada a uma educação disciplinada, em contraste com a infância burguesa, mais frequentemente ligada ao lazer e ao consumo.



Figura 6 - Orfanato D. Ulrico

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (Era Nova, 1923, s.p)

Já a segunda fotografia, registrada no mesmo contexto, apresenta um grupo menor de meninas reunidas ao redor da estátua do frei beneditino Dom Ulrico Sontag, no jardim da instituição. Todas vestem roupas brancas, dão-se as mãos e olham diretamente para a câmera, em uma composição cuidadosamente planejada pelo fotógrafo. A organização circular das crianças em torno do monumento transforma a escultura no centro simbólico da cena, sugerindo devoção, reverência e unidade. Ainda que menos rígida do que a primeira fotografia, a imagem transmite a mesma intenção pedagógica: representar a infância pobre como guardiã de valores religiosos e morais, reafirmando a missão disciplinadora do orfanato.

Esse aspecto se relaciona ainda ao caráter monumental da instituição. Segundo Wolff (1992, p. 48, **apud** Molina, 2015, p. 475):

A arquitetura escolar pública nasceu imbuída do papel de propagar a ação de governos pela educação democrática. Como prédio público, devia divulgar a imagem de estabilidade e nobreza das administrações [...]. Um dos atributos que resultam desta busca é a monumentalidade, consequência de uma excessiva preocupação em serem as escolas públicas, edifícios muito ‘evidentes’, facilmente percebidos e identificados como espaços da esfera governamental.

A presença da diretoria, das religiosas e da elite local na fotografia reforça justamente esse caráter de vitrine institucional, em que a monumentalidade do edifício e a disciplina dos corpos infantis funcionam como encenação de um projeto de civilização. A presença da escultura transforma a cena em espetáculo de devoção e reverência, projetando as meninas como guardiãs vivas de um patrimônio simbólico que ultrapassa sua existência individual.

A justaposição das duas fotografias permite entrever uma lógica de representação complementar. Se na primeira o destaque recai sobre a disciplina coletiva e a homogeneização das internas, na segunda ressalta-se a dimensão ritual e monumental da educação oferecida pelo orfanato. Juntas, elas condensam o duplo papel da instituição de formar pela ordem cotidiana e educar pela inserção em práticas de devoção. Como bem lembra Schwarcz (2016, p. 21), “há, desse modo, muito de esquecimento no ato de recordar, e, ainda mais, quando se trata da memória da infância, esse momento que é quase um ‘outro’ da representação.” A fotografia não apenas registra, mas também produz memória, apagando tensões e dificuldades da vida institucional em favor de uma narrativa de cuidado, tutela e civilização.

A escolha dessas duas fotografias justifica-se por sua força representativa. Elas não se limitam a documentar meninas em um espaço educativo, mas funcionam como vitrine pública de um projeto de sociedade. Ao transformar as crianças em personagens centrais de cenas cuidadosamente encenadas, o Orphanato D. Ulrico exibia para a cidade sua capacidade de moldar a infância pobre conforme valores católicos e patriarcais. Trata-se, portanto, de documentos que revelam tanto quanto silenciam. A revista *Era Nova* mostra disciplina e reverência, mas ocultam o destino duro dessas meninas, muitas vezes encaminhadas para o trabalho doméstico nas casas das elites locais. É nesse cruzamento entre visibilidade e ocultamento, entre memória e esquecimento, que reside a potência histórica dessas imagens.

4.4 As crianças campesinas e o trabalho infantil

A infância, enquanto construção histórica e social, assume múltiplas formas conforme o contexto em que está inserida. Analisar suas representações visuais permite compreender não apenas as condições materiais vividas pelas crianças, mas também os discursos e interesses ideológicos que moldaram tais imagens.

Embora representado em apenas 1 fotografia, o trabalho infantil ganha relevância justamente por sua raridade. Na imagem, uma criança aparece em ambiente de lavoura, ao lado de adultos e bois, revelando uma realidade de exploração que contrasta com as imagens idealizadas das crianças da elite. A escolha dessa categoria como objeto de análise não é quantitativa, mas qualitativa porque ela denuncia uma infância invisibilizada, submetida a condições de sobrevivência e excluída do projeto burguês de modernidade.

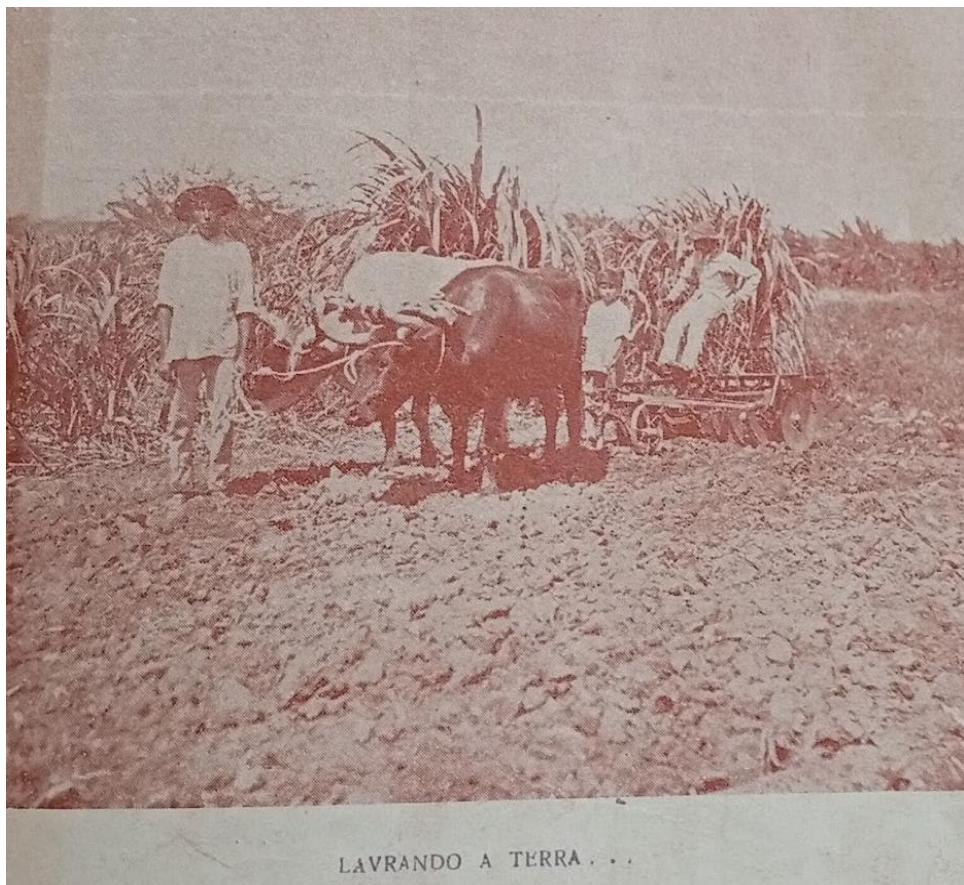


Figura 7 - Criança campesina

Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (Era Nova, 1923, s.p)

Essa única imagem permite problematizar a desigualdade social e mostrar que, enquanto algumas crianças eram celebradas como “petizes” da alta sociedade, outras viviam no anonimato e no esforço físico precoce.

Analizar o trabalho infantil, portanto, é fundamental para evidenciar como a revista escolhia quais infâncias mereciam destaque e quais eram relegadas ao silêncio, reafirmando a lógica excludente da época.

Mesmo representada em uma única fotografia, a presença de uma criança em contexto de trabalho agrícola foi considerada fundamental na análise. Esse registro contrasta com a infância idealizada da elite e denuncia realidades sociais que a imprensa buscava ocultar.

Num registro muito diverso, a página intitulada “Marcha de Conquista” em 1923 traz, em tom sépia, o título “Lavrando a terra”, no qual dois bois puxam o arado e, ao lado do adulto sentado na charrete, tem uma criança. Os adultos na imagem estão com chapéus de palha enquanto a criança está sem, o mesmo está com roupas simples, pés possivelmente descalços e a cana ou o roçado ao fundo falam mais alto do que a legenda. A infância aqui não repousa no pátio da escola, mas toma parte no ciclo produtivo, naturalizada como força de trabalho. A imagem transforma necessidade em paisagem e faz do esforço infantil uma cena “normal”, quase inevitável. A fotografia rural, ao lado da do Orphanato, prova essa pluralidade pela via do choque onde não há brinquedo nem materiais escolares, mas ferramentas, boi e lavoura. O arado e a junta de bois são signos prontos do trabalho, a baixa estatura em relação ao adulto dá para entender uma forma de hierarquia e com a combinação de ambos o atestado de uma infância trabalhadora.

Essa fotografia mostra o contrário do que é retratado das elites na revista *Era Nova*, a criança incorporada ao roçado, cuja presença sustenta a economia e, no entanto, quase não aparece despercebida na imagem.

Assim, ao trazer à tona essas fotografias, evidencia-se não apenas a infância como experiência plural, atravessada por classe, gênero e destino social, mas também a força das imagens como fontes históricas. Elas revelam os projetos das elites e da Igreja em disciplinar e tutelar a infância pobre, ao mesmo tempo em que silenciam outras vivências, como a espontaneidade ou os afetos cotidianos. Essa dialética entre o visível e o oculto, entre o que se quis mostrar e o que se tentou esquecer, constitui a principal contribuição dessas imagens para a compreensão das infâncias na Paraíba entre 1921 e 1925.

No último capítulo deste trabalho, apresenta-se as considerações finais que sintetizam os principais pontos discutidos ao longo da pesquisa, evidenciando as contribuições do estudo para a compreensão do tema proposto. Retoma-se a

importância dos objetivos estabelecidos inicialmente, destacando de que maneira foram alcançados e quais reflexões surgiram a partir da análise realizada. Além disso, ressalta-se a relevância do percurso metodológico adotado, que possibilitou não apenas responder às questões levantadas, mas também abrir caminhos para novos debates e investigações futuras. Por fim, aponta-se que o trabalho, apesar de suas limitações, cumpre um papel significativo ao oferecer subsídios teóricos e práticos que podem contribuir para aprofundar o campo de estudo e orientar pesquisas posteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar como as infâncias foram representadas nas fotografias publicadas na revista *Era Nova*, entre os anos de 1921 e 1925, buscando compreender os sentidos dessas imagens e refletir sobre sua relevância no campo da história da educação. Partindo do pressuposto de que a infância não é uma etapa natural e universal, mas uma construção social, cultural, política e histórica, foi possível perceber que as imagens veiculadas no periódico paraibano atuaram como dispositivos de memória e de poder, legitimando determinados modelos de infância e silenciando outros.

O objetivo geral, compreender as representações das infâncias na imprensa paraibana do início do século XX, foi plenamente alcançado ao longo da pesquisa. Da mesma forma, os objetivos específicos foram atingidos, uma vez que se identificou quais infâncias foram visibilizadas ou invisibilizadas, analisaram-se os sentidos simbólicos das imagens e refletiu-se sobre o papel pedagógico da imprensa na construção de ideais de infância. Assim, a questão de pesquisa de que maneira as infâncias foram construídas e representadas na imprensa paraibana entre 1921 e 1925 foi respondida, evidenciando a centralidade das crianças da elite e a marginalização de crianças pobres, negras e trabalhadoras.

É necessário, entretanto, reconhecer as limitações da pesquisa. O recorte temporal foi restrito aos anos de 1921 a 1925, o que impede comparações mais amplas ao longo da década. A análise concentrou-se em um único periódico, a revista *Era Nova*, o que limita a diversidade de fontes disponíveis. Além disso, o número reduzido de imagens de crianças negras e trabalhadoras restringiu a compreensão sobre essas infâncias, já historicamente invisibilizadas, evidenciando a necessidade de cautela na generalização dos resultados.

Apesar dessas limitações, o estudo apresenta contribuições significativas. Entre elas, destaca-se a catalogação inédita de 71 fotografias da revista *Era Nova*, organizada a partir de critérios temáticos, identitários e contextuais, que permite analisar as imagens como documentos históricos e pedagógicos. A pesquisa também oferece uma reflexão crítica sobre a construção da infância na imprensa, revelando como os periódicos atuaram na legitimação de determinados valores sociais, raciais e culturais, e como tais representações podem ser utilizadas para a formação docente.

Quanto às pesquisas futuras, este estudo abre caminhos para novas investigações. Sugere-se ampliar a análise para outros periódicos da mesma época, como *A União* ou a *Revista do Ensino*, permitindo comparações sobre as representações da infância na imprensa paraibana. Outra possibilidade é estender a análise a revistas de outros estados nordestinos, promovendo um olhar comparativo. Além disso, recomenda-se o cruzamento entre imagens e textos, como editoriais, crônicas e anúncios, aprofundando a compreensão dos sentidos pedagógicos e culturais veiculados pela imprensa.

No que se refere à formação da pesquisadora enquanto futura pedagoga, este trabalho representou um marco relevante. O contato direto com fontes históricas desenvolveu habilidades de análise crítica, catalogação e interpretação de imagens, fortalecendo a compreensão de que a educação se constrói também nos meios culturais, artísticos e midiáticos. A pesquisa contribuiu para uma formação docente mais sensível às desigualdades sociais, raciais e de classe, reforçando o compromisso ético-político de reconhecer e valorizar as múltiplas infâncias no presente.

Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para a ampliação das reflexões sobre as múltiplas infâncias e para a valorização da imagem como fonte histórica e pedagógica, reafirmando a importância de uma pedagogia crítica, inclusiva e comprometida com todas as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Terezinha; BURITY, Joanízia. A revista Era Nova na Paraíba: cultura política e modernização educacional. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010.

BARTHER, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia / Roland Barther; tradução de Júlio Catañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, Carlos; PISANESCHI, Lucilene Schunck C.; FREITAS, Viviane. Fotografia como fonte histórica: desafios postos à historiografia contemporânea. Veredas – Revista Interdisciplinar de Humanidades, v. 4, n. 8, p. 156–175, dez./jun. 2021-2022.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. "Memória e Sociedade", coord. p/ Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. v. 1).

FERREIRA, Juliana Rachel Trigo. Os jardins de infância da Paraíba nos anúncios e nas fotografias da Revista do Ensino da Paraíba e no jornal “A União” (1935–1940). 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

LEANDRO, E. G.; PASSOS, C. L. B. O paradigma indiciário para análise de narrativas. Educar em Revista, v. 37, p. e74611, 2021.

LIRA, Bertrand de Souza. Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia e educação infantil: espaços e tempos desacostumados. Porto Alegre: Mediação, 2018.

MOLINA, A. H. A história contada por imagens: as escolas normais do início do século XX e o uso de fotografias para a historiografia contemporânea. Dimensões: Revista de História da UFES, v. 34, p. 457-489, 2015.

NASCIMENTO, Roberta Maria Aguiar do. Educação e destino das meninas desvalidas do Orphanato D. Ulrico: no cenário da Cidade da Paraíba (1913-1929). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

Ó, Maria Suênia Guedes do. “Que tudo seja para a glória e para o progresso da terra admirável de João Pessoa”: nação, escola nova e educação das crianças pequenas nas Revistas do Ensino da Paraíba (1932 a 1942). 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

ROMÃO, Aurilane Regis. Alice de Azevedo Monteiro e a educação das crianças pequenas na Paraíba: a criação dos primeiros jardins de infância e os escritos sobre

infância na Revista do Ensino (1930-1942). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Histórias da infância: convenções visuais em torno de um tempo que lembra de esquecer. São Paulo: MASP, 2016. p. 18-37.

SILVA, Mariza Gomes da. Os escritos de Mario Gomes na Revista do Ensino: suas perspectivas sobre a infância (1932–1942). 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. Tradução de Márcia Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VELOSO, Geisa Magela. Imprensa e Escola Normal: representações de progresso e civilização na produção de um imaginário social – 1918-1938. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 488-603, set./dez. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Jornais e folhetins paraibanos: repositório digital. Revista Era Nova. Disponível em: [\[//www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/sobre.html\]](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/sobre.html). Acesso em: 28 jul. 2025.

Fontes

Revista Era Nova da Paraíba. João Pessoa, 1923. volume 50, s.p.

Revista Era Nova da Paraíba. João Pessoa, 1923, volume 50, s.p..

Revista Era Nova da Paraíba. João Pessoa, 1923, volume 50, s.p.

Revista Era Nova da Paraíba. João Pessoa, 1923, volume 25, s.p.

Revista Era Nova da Paraíba, João Pessoa, 1925 volume50, s.p.